

## A REVISTA *QUIXOTE* GAÚCHA: UMA LEITURA PECULIAR DE *DOM QUIXOTE*, DE MIGUEL DE CERVANTES

Aline Venturini<sup>1</sup>

UFRGS

### RESUMO

A Revista *Quixote*, do grupo *Quixote*, do Rio Grande do Sul, realizou uma leitura peculiar da obra *Dom Quixote*, de Miguel de Cervantes, do século de Ouro Espanhol. Esta interpretação é transpassada pelos pressupostos de Miguel de Unamuno, um dos mais importantes leitores dessa obra cervantina na Espanha, e cuja leitura influenciou as leituras e acolhidas realizadas no Brasil. O presente trabalho é parte da investigação realizada pela autora em sua tese de doutorado, defendida em 2019, orientada pelo professor pós-doutor Ruben Daniel Méndez Castiglioni, da UFRGS, e consiste em apresentar a leitura da Revista *Quixote* em torno da obra, mostrar sua peculiaridade e sua diferença em relação as outras leituras brasileiras, bem como detectar as suas aproximações e semelhanças, vendo como os pressupostos de Unamuno, que tratam de *Dom Quixote*, aparecem nesta publicação e produzem uma interpretação peculiar e singular. O principal referencial teórico utilizado são as três obras de Miguel de Unamuno *En torno del Casticismo* (2017); *Vida de Don Quijote y Sancho* (1913) e *El sentimiento trágico de la vida* (1914), por apresentarem a leitura de Miguel de Unamuno em torno da obra, evidenciando os seus pressupostos sobre a Espanha, sua cultura, e a sua filosofia existencialista. O objetivo principal deste artigo é revelar a peculiaridade da leitura de *Dom Quixote* do grupo, localizando estes pressupostos nos textos da revista *Quixote*.

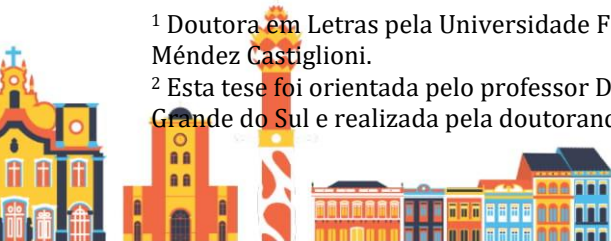
Palavras-chave: Revista *Quixote*. Leituras brasileiras. Miguel de Unamuno. *Dom Quixote*.

### Introdução

Este artigo visa explicar a peculiaridade da leitura feita pela revista *Quixote* gaúcha da obra *Dom Quixote*, de Miguel de Cervantes, em relação às outras produções leitoras sobre a obra elaboradas no Brasil. Ele integra algumas considerações feitas a partir da investigação realizada para a tese de doutorado *A presença dos pressupostos de Miguel de Unamuno na revista Quixote\RS: leituras e acolhidas de Dom Quixote*", defendida em 2019. <sup>2</sup>Esta tese, cuja metodologia é essencialmente bibliográfica, verifica a existência dos pressupostos de Unamuno sobre *Dom Quixote* na revista e analisa as formas como são usados pelos integrantes do grupo

<sup>1</sup> Doutora em Letras pela Universidade Federal do Rio Grande do Sul, orientada pelo professor Dr. Ruben Daniel Méndez Castiglioni.

<sup>2</sup> Esta tese foi orientada pelo professor Dr. Ruben Daniel Méndez Castiglioni na Universidade Federal do Rio Grande do Sul e realizada pela doutoranda Aline Venturini.



*Quixote* para mostrar os seus objetivos literários. Acreditamos estar aí a diferença da leitura efetuada em relação à extensa gama de interpretações brasileiras desta obra cervantina.

Por primeiro, indaga-se: por que a leitura desta obra de Cervantes feita pela revista *Quixote* é peculiar e como é possível ver isso em seu desenvolvimento por cinco números? Esta é a pergunta central que norteia o presente texto. A peculiaridade da leitura de *Dom Quixote* feita pela revista perpassa algumas questões abordadas: 1) identificar possíveis tendências de leitura na recepção brasileira sobre esta obra de Cervantes; 2) situar, brevemente, a interpretação de Miguel de Unamuno e sua relação com a recepção brasileira. A primeira, desenvolvida sob o subtítulo: **As tendências de leituras de Dom Quixote brasileiras**, constitui o primeiro momento do texto. No segundo momento, entramos no cerne da análise: informar sobre o Grupo *Quixote* e sua revista. quais as razões de sua peculiaridade. Tratamos aí tanto sobre a autoria (as) presente(s) na revista; como sobre as motivações em comum entre os vários escritores e, por conseguinte, a presença de pontos comuns em relação ao que o *Quixote* significa e o que Miguel de Unamuno e sua interpretação representam para os escritores da revista.

### **As tendências de leituras de Dom Quixote brasileiras**

A leitura da revista *Quixote* gaúcha (1947-1952) acompanha algumas características frequentes das interpretações brasileiras sobre *Dom Quixote*. A recepção brasileira da obra cervantina pode ser considerada variada e sem um padrão fixo, mostrando certo pendor à idealização e ao ajustamento às principais questões de diferentes épocas. Esse parece ser, sob nossa perspectiva, o ponto de intersecção com a interpretação da revista. Segundo Vieira (2012):

Se fosse o caso de identificar os movimentos da recepção crítica que se deu no Brasil em relação ao *Quixote*, seria possível dizer que, de modo geral, oscilamos entre a leitura livre e interpretativa e a que se preocupa com aspectos estruturais do texto, destacando o envolvimento da obra com seu universo cultural. Esse perfil de recepção talvez se explique pelo fato de que não dispomos de uma tradição de estudos hispânicos e, muito menos, de estudos cervantinos. **Desse modo, o inusitado cavaleiro esteve predominantemente ajustado às nossas ideias e ao nosso modo de interpretá-lo, envolvido, muitas vezes, nas questões mais candentes do nosso tempo.** (grifo nosso). (VIEIRA, 2012, p.44)

As leituras realizadas no Brasil, de modo geral, foram adaptadas às questões e ideias do tempo vigente. É possível ver também certa aproximação com a forma como foi lida a obra nos países hispano-americanos, conforme as ideias, que acompanham as interpretações europeias.



Exemplificamos com o momento da chegada dos primeiros exemplares na América Latina, em Porto Belo, atual Panamá, quando a obra foi vista como cômica e satírica. Depois, aos poucos, a interpretação foi assumindo um caráter mais idealista, romântico e simbólico, principalmente devido ao processo das independências dos países latino americanos de suas metrópoles europeias.

Assinalamos a existência de algumas tendências gerais das interpretações de *Dom Quixote* no Brasil: a) obras que representam ou lembram características dos protagonistas; b) obras que fazem referências hispânicas nem sempre são, propriamente, literárias; c) obras críticas sobre *Dom Quixote*.

Na primeira tendência, consideramos a leitura contida nos romances brasileiros. Segundo Vieira (2012):

Como em outras partes do mundo, em terras brasileiras o Quixote também contou com várias recriações formuladas em diferentes linguagens: o romance foi uma delas. Para o estudo da recepção do Quixote no Brasil, torna-se importante estabelecer alguns critérios que possibilitem a avaliação de algumas de suas diferentes formulações. Um deles orienta-se em torno do mito quixotesco que resgata a figura do herói comprometido com mudanças de ordem social; o outro se volta para a escritura cervantina e se centra particularmente nas questões de composição da obra. Com a perspectiva de situar as andanças do Quixote no Brasil, seria interessante ter em conta ao menos três pressupostos: um deles se refere a questões de ordem histórica e cultural que envolvem as relações entre o Brasil e a península Ibérica; o outro diz respeito a uma questão teórica relacionada com a literatura com a literatura comparada, e o terceiro se volta para um aspecto da crítica literária, situado no interior dos estudos cervantinos, com o objetivo de resgatar alguns dos parâmetros que, de modo geral, balizaram as leituras e interpretações. (VIEIRA, 2012, p.63)

Algumas ficções ilustram esses movimentos nos romances brasileiros esses movimentos em torno das interpretações de *Dom Quixote*, sendo alguns dos principais: *Memórias Póstumas de Brás Cubas* (1980), de Machado de Assis, publicado em 1881; *Triste fim de Policarpo Quaresma* (2014), de Lima Barreto, em 1911, *Grande Sertão: veredas* (2006), de Guimarães Rosa, em 1956. Nestas obras, por exemplo, seus protagonistas apresentam algumas características semelhantes ao personagem cervantino, como ideia fixa, traços de loucura e idealismo, como bem revela Vieira (2012).

Na segunda tendência, conforme Vieira (2012), há obras que não tratam de *Dom Quixote* propriamente, mas o citam como referência hispânica, bem como revisitam aspectos da cultura hispânica e evidenciam sua presença na cultura brasileira. Entre elas se situam: *Casa Grande e Senzala* (2003), de Gilberto Freyre, publicada em 1933; *Raízes do Brasil* (1995), de Sérgio Buarque de Holanda, datada em 1936. Acrescentamos a elas *Gaúchos e Beduínos*, de Manoelito de Ornellas, da recepção rio-grandense.





Na terceira tendência, incluem-se os ensaios e outras produções que analisam a obra *Dom Quixote* e suas interpretações, das quais citamos como exemplos mais eloquentes: *Dom Quixote: um apólogo do homem ocidental* (1947), de Tiago Dantas e *Heróis da decadência* (1939), de Vianna Moog.

Essas três tendências possibilitam leituras que alternam-se entre as mais românticas e simbólicas; mais focadas nos aspectos formais e na interpretação do contexto; as que abordam a vida de seu autor, Miguel de Cervantes. Elas aparecem aleatoriamente na história brasileira de interpretações de *Dom Quixote*.

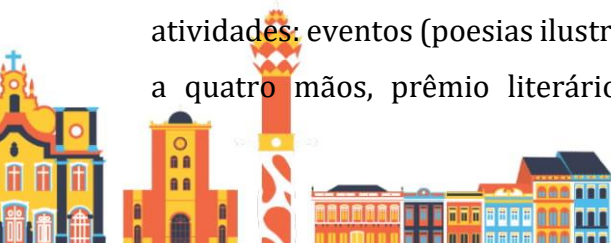
As leituras da obra cervantina realizadas por Miguel de Unamuno, datadas entre o final do século XIX a metade do século XX, exerceram alguma influência no Brasil. Verifica-se a semelhança de leituras brasileiras com as de Unamuno desde o início do século XX, em meados da década de 1920.

A leitura do grupo *Quixote*, de Porto Alegre, realizada em sua revista *Quixote* (1947-1952), compartilha traços semelhantes com as obras citadas, no que tange à interpretação simbólica e idealista da obra e do protagonista. Contudo, apresenta algumas peculiaridades, pois utiliza as interpretações de Miguel de Unamuno um de seus parâmetros, sendo sua abordagem mais ampla. Aprofundamos tal ideia no próximo subtítulo.

### **A leitura peculiar da revista *Quixote* (1947-1952) da obra *Dom Quixote***

A revista *Quixote* (1947-1952) corresponde à primeira fase do Grupo *Quixote*, de Porto Alegre. O grupo começou sendo formado por universitários de Direito e agregou, ao longo do tempo, outros membros, com funções diversas. O objetivo que os unia era ter um espaço para publicar suas ideias e fazê-lo com liberdade estética, aspecto que parece não ter sido permitido, ou acessado, por esses jovens no Rio Grande do Sul no final da década de 1940. O núcleo fundador do Grupo *Quixote* foi constituído, conforme Biasoli (1994a), por Raymundo Faoro, Wilson Chagas, Sílvio Duncan e Fernando Jorge Scheneider, todos universitários de Direito. Biasoli (1994, p.13) relata que, em 1947, “junto com outros jovens autores, entre eles, Paulo Hecker Filho, Vicente Moliterno e Heitor Saldanha, editam uma revista denominada *Quixote*, que mantém cinco edições até 1952”.

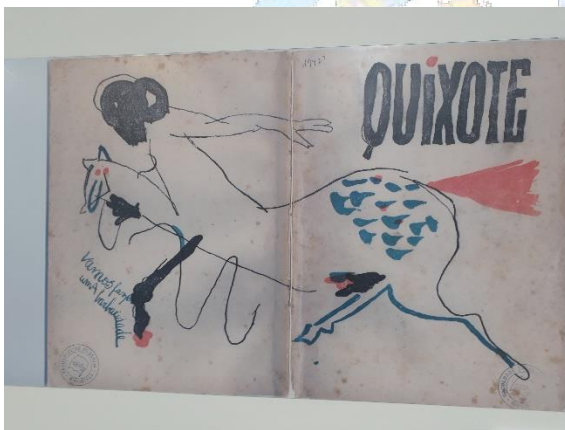
O grupo teve várias fases e formações, realizou, além da edição da revista, várias atividades: eventos (poesias ilustradas), Festival de poesia, a Associação Quixote, novela escrita a quatro mãos, prêmio literário. O grupo foi encerrado na década de 1960, mas seus



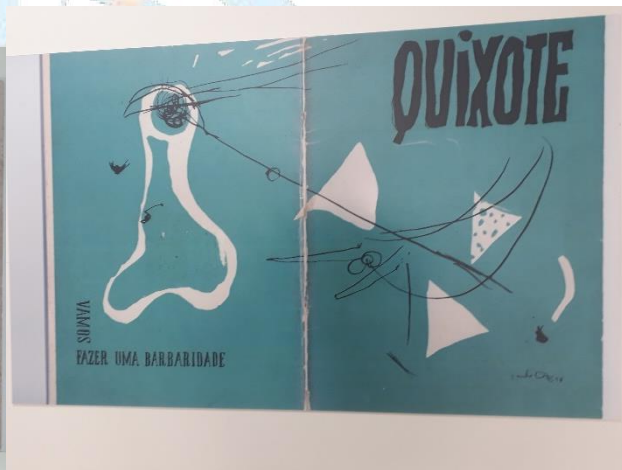
componentes voltaram a se reunir nos anos 1980. O selo do grupo foi colocado, inclusive, nas publicações individuais de seus membros. (BIASOLI, 1994).

Neste estudo, enfocamos a revista *Quixote*, composta por cinco números, a qual começou a ser publicada em 1947 e foi encerrada em 1952. De conteúdo bastante variado, continha vários gêneros textuais, como contos, poemas, ensaios, crítica artística a outras áreas- música, artes plásticas e cinema- bem como episódios de uma novela. Os próprios membros do grupo e escritores convidados dela participaram. (BIASOLI, 1994). Trata-se, portanto, de um projeto artístico e literário amplo, um meio de expressão dos jovens do grupo *Quixote*, englobando uma visão estética por eles desejada para disseminação no Rio Grande do Sul.

Imagens dos cinco números da Revista *Quixote*<sup>3</sup>



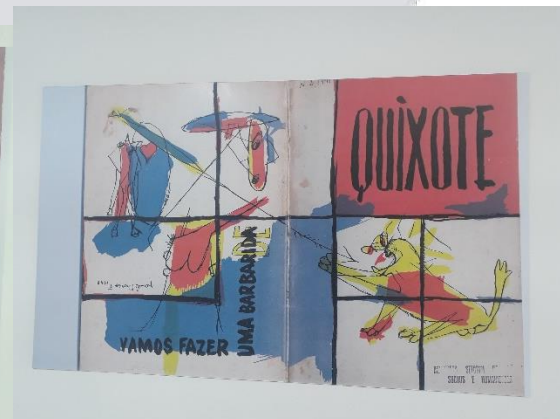
Quixote 1 (1947)



Quixote 2 (1948)

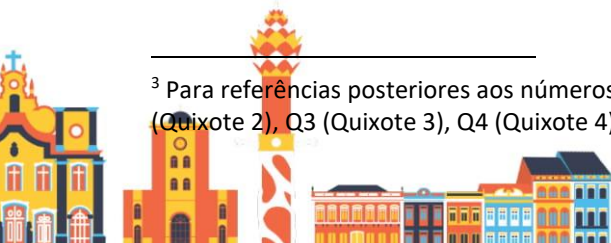


Quixote 3 (1948)



Quixote 4 (1949)

<sup>3</sup> Para referências posteriores aos números da revista neste artigo, usaremos as abreviações Q1 (Quixote 1), Q2 (Quixote 2), Q3 (Quixote 3), Q4 (Quixote 4) e Q5 (Quixote 5).





Quixote 5 (1952)

Adentramos, neste ponto, a análise das razões de sua peculiaridade. A primeira delas é a motivação do uso do nome “Quixote” para denominar tanto o grupo como a revista. O nome é simbólico, no sentido de representar a coragem e a ousadia de publicar e mostrar suas ideias. Esse conceito sobre o protagonista e a obra vem de Unamuno, posto que a sua frase “Vamos fazer uma barbaridade”, presente na obra *Vida de Don Quijote y Sancho* (1914a), é tomada como palavra de ordem e epígrafe do grupo *Quixote*. Por isso, a revista e as demais atividades do grupo não focam tão somente a obra cervantina, embora alguns textos e seções da revista contenham cenas ou mesmo as características do protagonista Dom Quixote. Ao contrário. “Quixote” representa objetivos mais amplos: fazer literatura e crítica literárias, promover a arte, como as Artes Plásticas, a Música e o Cinema; “fazer uma barbaridade”, no dizer de Unamuno, que significa a coragem de se expor e de discordar do panorama intelectual, artístico, político e espiritual do Rio Grande do Sul das décadas de 1930 e 1940. Por isso, a leitura de Dom Quixote feita pelo grupo é tão ampla quanto a realizada por Miguel de Unamuno.

Eis a segunda peculiaridade: a leitura ampla perpassa, principalmente, as interpretações de *Dom Quixote* realizadas por Miguel de Unamuno, as quais funcionam como princípios/pressupostos norteadores para o Grupo, para a literatura e para o cenário intelectual e artístico que desejavam no Rio Grande do Sul. A presença desses pressupostos foi detalhada na tese *A presença dos pressupostos de Miguel de Unamuno na revista Quixote\RS: leituras e acolhidas de Dom Quixote*, estando resumidos brevemente neste artigo.

A terceira peculiaridade evidencia que, assim como Miguel de Unamuno vê, em Dom Quixote, um SÍMBOLO DE LUTA PELA IDENTIDADE ESPANHOLA RUMO À MODERNIDADE, os





jovens do Grupo *Quixote* plasman tal leitura como PRESSUPOSTOS para o SEU PROJETO DE LITERATURA PARA O RIO GRANDE DO SUL.

Mais um aspecto constitui a peculiaridade do periódico: VÁRIOS AUTORES publicam na revista, porém, e nem todos têm o QUIXOTE POR PRESSUPOSTO E NORTE, principalmente os convidados. Somente os idealizadores do grupo e da revista, isto é,- Raimundo Faoro, Sílvio Duncan, Milca Helena- adotam o personagem e a obra como guia. Um dos pontos em comum que une a todos na revista, tanto os membros do grupo quanto os convidados, parece ser a BUSCA PELA MODERNIDADE. Essa busca é, para Unamuno, e igualmente para o grupo, simbolizada pelo Quixote.

Dom Quixote é usado pelo grupo como um horizonte orientador. Muitas vezes, as ideias apresentadas, tanto nos ensaios, e nas seções, quanto nas críticas, são aproximadas a esse grande conceito “Quixote” que os idealizadores do grupo assumiram, a princípio. Essas ideias são: existencialismo, liberdade e questionamento das estruturas sociais.

Expomos, na tabela a seguir, os pressupostos de Unamuno, as afirmações que as exemplificam e como são utilizados pelo grupo em sua revista para usar o nome, a obra e o protagonista cervantinos como simbólica de sua abordagem:

Tabela dos pressupostos e correspondentes:

<b>PRESSUPOSTOS UNAMUNO SOBRE QUIXOTE</b>	<b>DE O</b>	<b>CITAÇÕES DE MIGUEL DE UNAMUNO</b>	<b>OBJETIVOS LITERÁRIOS E ARTÍSTICOS DO GRUPO QUIXOTE</b>
1) Intra-história		Los periódicos nada dicen de la vida silenciosa de los millones de hombres sin historia que a todas as horas del día y en todos los países del globo (...) Esa vida intra-histórica, silenciosa y continúa (...) es la substancia del progreso, la verdadera tradición, la tradición eterna, no la tradición mentira (UNAMUNO, 2017, p. 11-12).	-expressar o gaúcho simples.
2) Dialética: Universalismo (Cosmopolitismo) x Localismo (Regionalismo)	x	“(...) eterna es la tradición universal, cosmopolita. Es combatir contra ella, es querer destruir la Humanidad en nosotros, es ir a la muerte, empeñarnos en distinguirmos de los demás, en evitar o retardar aquella absorción en el espíritu	- Conhecer mais a literatura hispano-americana, principalmente a platina e integrar-se à América do Sul.



	general europeo moderno”. Unamuno (2017, p. 16),	
3) Nacionalismo x Sentimento Nacional	conviene mostrar que <b>el regionalismo y el cosmopolitismo son dos aspectos de una misma idea, y los sostenes del verdadero patriotismo</b> , que todo cuerpo se sostiene del juego de la presión externa con la tensión interna”(Unamuno (2017, p. 21)	Combater o falso nacionalismo/regionalismo, reconhecer as raízes hispânicas e latinas.
4) Fé x Razão	Tenía razón el Caballero: el miedo y solo el miedo le hacía a Sancho y nos hace a los demás simples mortales a ver molinos de viento en los desaforados gigantes que siembran mal por la tierra. Aquellos molinos que molían pan comían hombres endurecidos en la ceguera. Unamuno (1914a, p.79-80)	Não adotar, em absoluto, somente um dos dois, ou só fé, ou só razão.
5) Individualidade e subjetivismo	Hay un más terrible ridículo, y es el ridículo de uno ante si mismo y para consigo. Es mi razón, que se burla de mi fe y la desprecia.	Valorizar a individualidade e a subjetividade na poesia
6) <i>Dom Quixote</i> como herói, sonhador e inconformado	Tu locura quijotesca te ha llevado más de una vez hablarme del quijotismo como una nueva religión. Y a eso he de decirte que esa nueva religión que propones y de que me hablas, si llegara a cuajar, tendría dos singulares preeminencias. La una, que su fundador, su profeta Don Quijote (...)” Unamuno (1914b, p. 14)	Dom Quixote representa o próprio grupo: inconformado, sonhador e heroico.
7) Questionamentos existenciais sobre a vida e a morte	Y no es que Don Quijote no comprenda lo que comprende quien así le habla, el que procura resignarse y aceptar la vida y la verdade racionales. No: es que sus necesidades efectivas son mayores ¿Pedantería? ¿Quién sabe! UNAMUNO (1913, p. 240)	A literatura deve tratar das questões da existência humana.
8) Função da literatura e do escritor intelectual.	<b>¡Vamos a hacer una barbaridad!</b> (UNAMUNO, 1914a, p. 17-18)	Os intelectuais devem conduzir o Rio Grande do Sul à modernidade.

Tabela de própria autoria (2020)





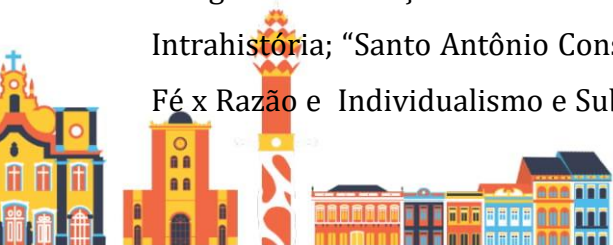
Os pressupostos unamunianos, e evidenciados nesta tabela e correspondentes aos objetivos do grupo, sintetizam-se no nome “Quixote”. Assim como Miguel de Unamuno, o grupo aglutina seus objetivos em torno da simbologia do nome. A abordagem desses pressupostos aparece na revista Quixote de três formas: 1) citações diretas ao Quixote-aparecem nas capas da revista, nos poemas de Milca Helena, nas seções “Diário de Sancho” e em alguns ensaios, como os de Raimundo Faoro; 2) citações de Miguel de Unamuno-o nome de Unamuno e algumas de suas ideias são citadas nos ensaios e 3) aproximações às ideias de Unamuno-significa que são abordadas ideias semelhantes ou com algum ponto em comum com os pressupostos unamunianos. Aparecem, sobretudo, nos poemas e em alguns ensaios. Enfatizamos, entretanto, as duas primeiras formas, por citarem diretamente Dom Quixote e Miguel de Unamuno.

As três formas apresentam todos os pressupostos. Neste artigo, os exemplificamos com alguns dos textos mais significativos da revista, posto que a totalidade é bastante extensa e variada. Identificamos, nas três formas, os pressupostos, destacando os exemplos mais eloquentes.

As citações diretas ao Quixote correspondem aos pressupostos Intra-história; Nacionalismo x sentimento nacional; Fé x Razão; 5) Individualidade e Subjetivismo; Dom Quixote como herói, sonhador e inconformado e Função da Literatura e do escritor. Os pressupostos Nacionalismo x sentimento nacional e Questionamentos existenciais aparecem nas outras duas formas. Como destaques, citamos as capas dos cinco números da revista, os ensaios e as seções Diário de Sancho, de Sílvio Duncan. (VENTURINI, 2019)

A Intra-história surge em menções a imagens relacionadas ao local, aos costumes do gaúcho pobre. Evidencia-se juntamente o segundo pressuposto, uma vez que para os autores, através das menções ao Quixote, relacionadas a essas imagens, a afirmação da identidade do gaúcho pobre torna-se mais verossímil, “verdadeira”. O quarto pressuposto, Fé x Razão, aparece como uma discussão sobre qual perspectiva crítica, a baseada na fé, ou a baseada no racionalismo-adotar para analisar uma obra literária ou fato, geralmente, ‘individualidade e subjetivismo’ pode aparecer relacionado. O sexto e o oitavo pressupostos estão presentes na simbologia que os dois protagonistas, Quixote e Sancho, possuem para o grupo.

Na segunda forma “citações a Dom Quixote”, os textos assinalados representam, respectivamente, os pressupostos indicados. São os seguintes ensaios e pressupostos, na ordem a seguir: “Introdução aos estudos de Simões Lopes Neto”, de Raymundo Faoro (Q4,1949), Intra-história; “Santo Antônio Conselheiro: o jesuíta bronco”, de Raymundo Faoro, (Q1, 1947), Fé x Razão e Individualismo e Subjetivismo; os poemas de Milca Helena (Q1, 1947) “Quixote”



e “Visão do Quixote” (poemas), Dom Quixote como herói, idealista e inconformado e as seções Diário de Sancho, presentes nos números 2, 3, 4 e 5 da revista, o pressuposto: “Função da literatura e do escritor intelectual.” (VENTURINI, 2019).

No ensaio dedicado a Simões Lopes Neto, Faoro (Q1, 1949) desenvolve o pressuposto, Intra-história, a fim de mostrar os costumes do gaúcho simples. Isso é realizado através da comparação entre o tratamento do gaúcho rio-grandense às mulheres, bem como na diferença que estabelece entre casadas e solteiras, com o de Dom Quixote com a pastora Marcela. Ele se refere a Dom Quixote, ao falar da mulher pastora e solteira: “Quem não se lembra do discurso pronunciado por D. Quixote em proteção a uma bela pastora, cuja indiferença levou ao suicídio um cavaleiro de ilustre família?” (FAORO, Q4, 1949, P.25).

Em “Santo Antônio Conselheiro: o jesuíta bronco”, de Raymundo Faoro- (Q1, 1947), a discussão reside no pressuposto Fé x Razão. Faoro discute os critérios usados por Euclides da Cunha para analisar Canudos, pois considera que houve um entendimento não adequado da sociedade de Canudos ao ser analisada pela perspectiva racionalista e ocidental deste autor. Por conseguinte, menciona Dom Quixote como exemplo de personagem não adequado à perspectiva racionalista, comparando-o a Antônio Conselheiro: “Unamuno retomou Dom Quixote da galeria cômica e, reabilitando-o, fez dele a manifestação por excelência do heroísmo, da dignidade e do gênio. Loucos para os que riem de seus destemperos, herói para os que sentem a grandeza de sua loucura.” (FAORO, Q1, 1947, p.21). Faoro destaca que a sociedade de Canudos e seu líder baseiam-se na perspectiva da fé e da mística, diferente daquela da razão. Ressalta também o caráter sonhador e idealista do protagonista cervantino, sinalizado por Unamuno, presente no pressuposto “Dom Quixote, herói, sonhador e inconformado”.

A mesma direção segue Milca Helena, em seus poemas “Quixote” e “Visão do Quixote”, ao relacionar o protagonista à imagem dos gaúchos correndo a cavalo pelo campo, destacando a fé e o idealismo do personagem: “Vem vindo de muito longe/ **(rosto de monge, gesto de herói)**/ De Andaluzia, de lança em riste/triste, esquelético e **sonhador** a trote, no seu corcel\ o Don Quixote.” (grifos nossos) (Quixote 1, 1947, p.11). Contudo, além de evidenciar os outros pressupostos, a poetisa enfatiza o pressuposto- A função da literatura e do escritor intelectual- mostrando que o Quixote é o próprio grupo: “**Alma do Quixote cruzando o campo/** aguda como ponta de **faca campeira/ campeiro** em sua vida **americana.**” (Milca Helena, Quixote 1, 1947, p. 8).

As seções “Diário de Sancho” de Sílvio Duncan, ressaltam o último pressuposto, na representação do próprio grupo por meio dos dois protagonistas, em tentativas que se referem



explicitamente às situações da época ou às questões da luta por expressão e por uma literatura menos conservadora. No trecho a seguir, Duncan (1947) expõe o futebol como uma área que recebe maior valorização que os escritores e a arte:

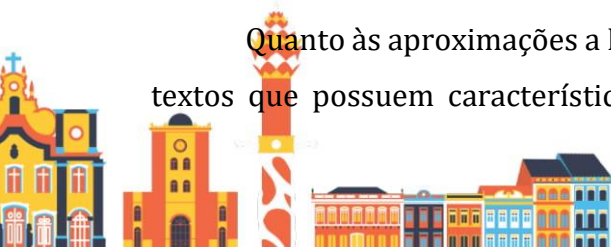
Aos homens que cultivam a muito nobre arte da bola e exercícios atléticos-duzentos mil escudos, à muito elevada revista do Palácio e das cortes desta terra, propriedade do mordomo do rei, cinquenta mil escudos; à sociedade literária que tem por patrono um grande santo e luta no interior da comarca, trinta mil escudos; a um cavaleiro chamado Quixote, cinco mil escudos, graças a magnanimidade do senhor dos conhecimentos que julgou irrisória a quantia votada pelos senhores letrados que colaboram na revista da corte. Cumpra-se a justa vontade dos senhores desta província, que Deus os guarde sempre magnânimos, e amantes das cousas da inteligência.” (DUNCAN, 1949, p.52)

Esta narrativa da seção “Diário de Sancho” conta a abordagem dos senhores das estradas, das riquezas a Dom Quixote, bem como aos prêmios que cedem a cada área. Quando menciona “a muito elevada revista do Palácio”, Duncan provavelmente referiu-se à revista *Província de São Pedro* (1920- 1950), formada por intelectuais mais prestigiados e que possuíam características consideradas conservadoras pelos membros do grupo *Quixote*. Quando o cavaleiro aparece recebendo menos quantia de dinheiro que os demais, Duncan (1949) está, na verdade, ilustrando a desvalorização do próprio grupo em sua época.

Na segunda forma, citações a Unamuno, todos os pressupostos, exceto a Intra-história, aparecem nos seguintes textos selecionados: “A Octavio de Faria”, de Paulo Hecker Filho (1947), Dialética Universalismo (Cosmopolitismo) x Localismo (Regionalismo) e Nacionalismo x sentimento nacional; “Humour e desespero”, de Wilson Chagas e o ensaio de Raymundo Faoro sobre Antônio Conselheiro abordam Fé x Razão; “Evolução da ideia de amor n’fonte”, de Wilson Chagas (1948b), Individualidade e Subjetivismo e Função da literatura e do escritor intelectual.

Os textos, no geral, recorrem às referências a Unamuno para afirmar os pressupostos, que correspondem aos objetivos do grupo, conforme ilustrado na tabela, anteriormente apresentada. Por exemplo, sobre Octavio de Faria, e como este escritor defende demasiadamente o nacionalismo e a pureza cultural, ideias às quais Filho (1947) se opõe. Em “Humour e desespero”, a atitude desajustada e “*gauche*” de Drummond perante o mundo e sua lógica e as condições de observador, alguém que vive e demonstra a subjetividade e a fé em sua poesia, reafirmam a supremacia da fé sobre a razão, bem como a individualidade e o subjetivismo. Para o grupo, a função da literatura e do escritor consiste em defender uma literatura que contenha tais características.

Quanto às aproximações a Dom Quixote e a Unamuno, tratam-se de ideias presentes nos textos que possuem características contíguas aos pressupostos de Unamuno sobre a obra





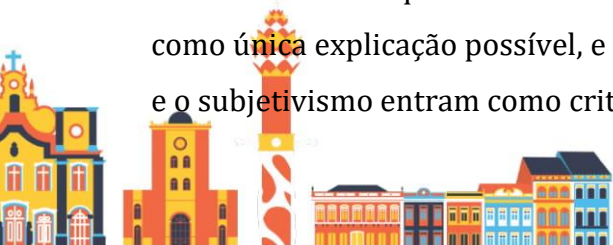
cervantina, de modo geral, filosóficas, as quais, no entanto, podem se opor entre si. Nem tudo na revista, portanto, consistia em uma referência direta a Dom Quixote e a Miguel de Unamuno, pois nem todos os participantes da revista *Quixote* seguiam essa posição. Podemos afirmar, no entanto, que a MODERNIDADE e a REAÇÃO CONTRA O CONSERVADORISMO consistiam em bases comuns a Unamuno e a sua ampla leitura do Quixote. Um exemplo bastante significativo dessa aproximação é a revisitação do EXISTENCIALISMO, como se percebe no ensaio “O mundo vivo de Sartre”, de Raymundo Faoro (Q2, 1948), que reafirma os pressupostos: “individualidade e subjetivismo” e “questões existenciais”, diz ele: “O êxito, o sucesso e a glória nada valem para os heróis de Sartre. Sua grandeza está na **interioridade**. (...) Deve, além disso, **viver o homem coerente com a sua liberdade, abrindo caminhos mesmo contra a ordem, e contra a felicidade, se esta o entorpecer.**” Grifos nossos (FAORO, 1948, p. 12)

As ideias de Sartre e de Unamuno aproximam-se na afirmação dos pressupostos citados. Muito embora o existencialismo de Sartre e o de Unamuno revelem diferenças fundamentais (o de Sartre é materialista, o de Unamuno, católico), os dois têm em comum a defesa da LIBERDADE. Destacamos a simbologia do Quixote, para Unamuno, como a afirmação de sua LIBERDADE E SUBJETIVIDADE EXISTENCIAIS.

### Considerações finais e resultados

O nome Quixote é uma espécie de “arcabouço” de pressupostos norteadores dos objetivos literários e estéticos do grupo *Quixote* em sua revista. Em síntese, os pressupostos simbolizam o que o grupo pretende discutir no cenário intelectual gaúcho no final da década de 40. A Intra-história significa uma maior valorização e representação do gaúcho pobre na literatura local. A dialética universalismo (cosmopolitismo) x localismo consiste na integração e no maior conhecimento dos intelectuais rio-grandenses da literatura realizada pelos países hispânicos vizinhos.

O pressuposto nacionalismo x sentimento nacional confronta a visão conservadora do gaúcho idealizado presente na maior parte da literatura gaúcha da década de 40 com o cultivo de um sentimento nacional que promova a integração do Rio Grande do Sul com o restante do Brasil, com a América Latina e com a cultura ocidental. Neste pressuposto está presente também o desejo de um reconhecimento da influência cultural platina e hispânica na cultura gaúcha. Fé x razão discute a necessidade de uma crítica literária que reconheça tanto os critérios da razão quanto da fé como válidos, combatendo a supremacia da ideologia positivista como **única** explicação possível, e que também valorize a liberdade artística. A individualidade e o subjetivismo entram como critérios a serem valorizados dentro da literatura local, a fim de



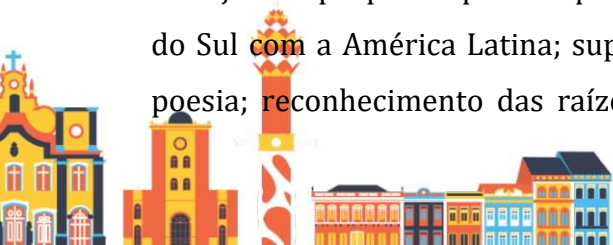
ser mais humanista; e que suscite as reflexões existenciais importantes sobre a vida, daí a abordagem do pressuposto unamuniano Questionamentos existenciais sobre a vida e a morte.

Por fim, os pressupostos Dom Quixote como herói, sonhador e inconformado e A função da literatura e do escritor intelectual são os dois que sintetizam o nome “Quixote” para o grupo e para a revista e as suas razões: primeiro, porque o personagem Dom Quixote, a interpretação de Unamuno sobre ele foram tomados pelo grupo como sua própria identidade enquanto intelectuais e, segundo, pela grande convocação unamuniana “Vamos fazer uma barbaridade” que expressam nas capas dos números da revista e nos textos, no Rio Grande do Sul, sintetizando o que se propõem a fazer: expressar-se, publicar, buscar o seu espaço e a fazer arte à sua maneira, combatendo o conservadorismo presente naquele momento histórico.

Para Unamuno e também para o grupo, o protagonista encarna os valores desses princípios, quando questiona o desajustamento da Espanha à modernidade. A perda de suas principais colônias na Guerra hispano-americana a levou a questionar a identidade na qual sempre acreditara, ou seja, a de conquistadora. Quixote simboliza mais do que o protagonista ou a obra de Cervantes, ele representa uma maneira de se posicionar no mundo e, principalmente, no cenário intelectual e artístico do Rio Grande do Sul.

A peculiaridade da abordagem da revista *Quixote* em relação a obra *Dom Quixote*, está na leitura que ultrapassa a representação somente das características formais da obra ou de seus principais personagens, como se vê em muitos exemplos na recepção brasileira, no geral. Consiste em uma leitura que responde muito mais à uma forma mais ampla e filosófica do que aquela como Miguel de Unamuno leu *Dom Quixote* e utilizou para interpretar o contexto social, artístico e filosófico da Espanha no início do século XX. Eis sua diferença, portanto, frente às leituras presentes na recepção brasileira de *Dom Quixote*: é coletiva, posto que advinda de vários autores; é ampla, pois não se centra somente na discussão da obra, embora também a faça. Da mesma maneira, os jovens do grupo *Quixote*, em 1947, utilizam os pressupostos contidos nas interpretações de Unamuno e os ajustam a seu contexto, por serem eles muito semelhantes aos objetivos artísticos que desejavam para o Rio Grande do Sul.

O Quixote significa, para o grupo, a simbologia da coragem de se expressar, de publicar e de buscar seu espaço no seletivo grupo da intelectualidade gaúcha das décadas de 1940 e 1950 do século XX. A leitura de *Dom Quixote* unamuniana é utilizada pelo grupo e simboliza, inclusive, os objetivos propostos por eles para revista e suas publicações, maior integração do Rio Grande do Sul com a América Latina; superação dos padrões simbolistas, parnasianos e realistas na poesia; reconhecimento das raízes hispânicas e ~~platinas, o questionamento do~~ sentimento



regionalista e separatista, o qual glorifica um gaúcho idealizado e próximo à imagem do monarca das coxilhas, desconsiderando peão pobre, de raízes negras e indígenas. Por isso, as produções da revista *Quixote* valorizam esse gaúcho pobre. Indicam igualmente a necessidade de um sentimento integrador ao mundo ocidental e sua tradição, e por isso, veiculam ideias de Sartre e de outros autores da literatura dita universal, ou melhor, ocidental.

A frase de Unamuno, transformada em lema do grupo- “Vamos fazer uma barbaridade”- carrega, sobretudo, a simbologia do Quixote como atitude de luta, de coragem, de se expor ao ridículo. Isso significa publicar, em sua revista, as próprias ideias, aquilo que pensam, e, posteriormente, divulga-las nas demais atividades como grupo cultural e enquanto intelectuais que buscavam o próprio espaço no cenário literário do Rio Grande do Sul.

#### REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

ASSIS, Machado de. **Memórias Póstumas de Brás Cubas**. Rio de Janeiro: Sociedade e Editora Gráfica Ltda., 1980.

BARRETO, Lima. **Triste fim de Policarpo Quaresma**. São Paulo: Nova Fronteira, 2014.

BIASOLI, Vítor. **Grupo Quixote: história e produção poética**. Porto Alegre: Edipurcs, 1994.

CHAGAS, Wilson. Notas sobre Charles Morgan: evolução da ideia de amor N' fonte. **Quixote**, Porto Alegre, Editora Globo, v. 3, n. 3, p. 5-7, set., 1948b.

CHAGAS, Wilson. Humour e desespero. **Quixote**, Porto Alegre, Editora Globo, v. 4, n. 4, p. 6-8, fev, 1949c.

DANTAS, Tiago. **Don Quixote: um apólogo da alma ocidental**. 1. ed. São Paulo: Editora Humanidades, 1947.

DUNCAN, Sílvio. Diário de Sancho. **Quixote**. Porto Alegre, Editora Globo, v. 4, n. 4, p. 50-52, fev., 1949b.

DUNCAN, Sílvio. Diário de Sancho. **Quixote**. Porto Alegre, Editora Globo, v. 5, n. 5, p. 30-32, ago., 1952.

FAORO, Raymundo. O mundo vivo de Sartre. **Quixote**, Porto Alegre: Editora Globo, v.2.n.2.p. 3-7, maio, 1948.

FAORO, Raymundo. Santo Antônio Conselheiro: jesuíta bronco. **Quixote**. Porto Alegre: Editora Globo, v. 1, n. 1, p. 17-18-20-26, dez., 1947a.

FAORO, Raymundo. Introdução aos estudos de Simões Lopes Neto. **Quixote**. Porto Alegre: Editora Globo, v. 4, n. 4, p.19-26, fev., 1949.

FREIRE, Gilberto. **Casa Grande & Senzala- formação da família brasileira sob o regime da economia patriarcal**. 48. ed. São Paulo: Global, 2003.





FILHO, Paulo Hecker. A Octávio de Faria. **Quixote**. Porto Alegre: Editora Globo, v. 1, n. 1, p. 27-40, dez., 1947.

HELENA, Milca. Quixote. **Quixote**, Porto Alegre: Editora Globo, v. 1, n. 1, p. 11-11, dez. 1947b.

HELENA, Milca. Visão do Quixote. **Quixote**, Porto Alegre: Editora Globo, v. 1, n. 1, p. 11-11, dez. 1947c.

HOLANDA, Sérgio Buarque de. **Raízes do Brasil**. 26. ed. Rio de Janeiro: Companhia das Letras, 1995.

MOOG, Vianna. **Heróis da decadência: Petrônio, Cervantes, Machado de Assis**. 2. ed. Porto Alegre: Globo, 1939.

ORNELLAS, Manoelito de. **Gaúchos e Beduínos: a origem étnica e a formação social do Rio Grande do Sul**. 2. ed. Rio de Janeiro: Livraria José Olympio Editora, 1956.

REVISTA QUIXOTE. Porto Alegre: Globo, 1947-1952

REVISTA PROVÍNCIA DE SÃO PEDRO. Porto Alegre: Globo, 1920-1950.

ROSA, João Guimarães. **Grande Sertão: veredas**. 1. ed. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 2006.

UNAMUNO, Miguel de. **Vida de Don Quijote y Sancho**. Madrid: Renacimiento, 1914a.

UNAMUNO, Miguel de. El Sepulcro de Don Quijote. *In: Vida de Don Quijote y Sancho*. Madrid: Renacimiento, 1914b. p. 09 -28.

UNAMUNO, Miguel de. **En torno del Casticismo**. Madrid: Renacimiento, 2017.

UNAMUNO, Miguel de. **Del sentimiento trágico de la vida**. Madrid: Renacimiento, 1913.

VENTURINI, Aline. **A presença dos pressupostos de Miguel de Unamuno na revista Quixote\RS: leituras e acolhidas de Dom Quixote**. 2019. Tese (doutorado em Literatura-Faculdade de Letras), Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Porto Alegre, 2019.

VIEIRA, Maria Augusta da. **A narrativa engenhosa de Miguel de Cervantes**. São Paulo: Editora da Universidade de São Paulo - Fapesp, 2012.

